

16a  
edição

## Provérbios populares e a formação da “consciência cívica”

Por Flávia Guia Carnevali

Email: flaviaguaia@usp.br.

Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. Esse artigo é fruto da minha dissertação de mestrado intitulada “A mineira ruidosa” - cultura popular e brasilidade na obra de Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921) que contou com a orientação do Prof. Dr. José Geraldo Vinci de Moraes, a quem agradeço o apoio, e financiamento do Cnpq

### Resumo

O artigo pretende discutir de que forma a folclorista Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921) através de seus trabalhos sobre cultura popular, especialmente por meio dos provérbios, irá revelar uma preocupação nacionalista que marcou fundo os intelectuais de fins do XIX e das primeiras décadas do XX. Dessa forma, o artigo debruça-se sobre o projeto educativo e ideológico da folclorista que via nos provérbios populares e na escola, aliados imprescindíveis para a formação dos cidadãos, revelando a relação existente entre as propostas educativas e de instrução com as de constituição de uma nação civilizada nos trópicos.

**Palavras-chave:** folclore; provérbios populares; Belle Époque

### Abstract

This article aims discuss how the folklorist Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921) through their works about popular culture, particulary by means of proverbs, will reveal a nationalist concern wich deeply marked the intellectuals of the end the nineteenth and the first decades of the twentieth. Thereby, the article focuses on the educational and ideological projects of the folklorist who saw in popular proverbs and the school, two indispensable supports to form the ideal citizen, revealing the relation between the educational and the instruction proposes with a constitution of a civilized nation in the tropics.

**Keywords:** folklore ; popular proverbs; Belle Époque

No período que se convencionou chamar de Belle Époque (1870-1914) há entre a intelectualidade brasileira uma discussão recorrente acerca dos elementos formadores da chamada “Identidade Nacional”, tratada como conceito único, a despeito da enorme diversidade cultural do país.

Que papel teriam os folcloristas nesse processo? Como a cultura popular foi tratada por eles? De que formas se apropriaram dela? O tema da Identidade Nacional já foi longamente discutido pela historiografia, mas poucos trabalhos trazem os folcloristas como eixo central do debate. Ao mergulhar nesse universo deparei-me com uma personagem “obscura” e pouco conhecida, sem dúvida uma coadjuvante em meio a nomes como Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha e tantos outros da chamada “geração de 70” que dedicaram seus trabalhos a tarefa de pensar sobre o Brasil, mais do que isso, construir a cultura nacional. A personagem é a folclorista e professora mineira Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921), considerada a primeira folclorista brasileira e a pioneira a usar material folclórico na elaboração de livros infantis de cunho educativo.

Alexina viveu em um ambiente intelectual carregado pelos discursos de alfabetização em massa e de

projetos higienistas que viabilizados principalmente pelo discurso escolar e familiar, desejavam elevar o Brasil aos padrões considerados “civilizados” de Nação. Suas principais obras consistem em publicações na área do folclore infantil: “Contribuição do folclore brasileiro para a biblioteca infantil” (1907), “Os Nossos brinquedos” (1909), “Cantigas das crianças e do povo e danças populares” (1916) e “Provérbios populares, máximas e observações usuais” (escolhidos para uso das escolas primárias) de 1917. Com exceção de contribuições episódicas entre 1908 e 1912 no Almanaque Brasileiro Garnier, pouco colaborou na imprensa.

Talvez a publicação de “Provérbios populares, máximas e observações usuais” de 1907, seja o livro que de certa forma condensa os anseios e objetivos de Alexina de Magalhães Pinto em seu trabalho de professora e folclorista. Nele estão sistematizadas de forma clara e objetiva além dos novos preceitos pedagógicos da época, as preocupações com o aperfeiçoamento na formação dos professores, com a formação moral das crianças, mas acima de tudo, está presente o projeto de engrandecimento da Nação, eixo central de toda sua obra.

Logo após a página de rosto o livro apresenta a aprovação do “Conselho Superior de Instrução Pública”, junto com outros dois livros de Alexina: “Plano de uma Biblioteca para os professores primários” (preocupação constante de Alexina, já que tanto em “Contribuição do folclore brasileiro para a biblioteca infantil” de 1907 como em “Os nossos brinquedos” de 1909 ela trás indicações bibliográficas destinadas aos professores) e “Tradução do programa da liga de instrução moral inglesa”.

O livro é publicado posteriormente após a reforma de ensino do estado de Minas Gerais de 1906 e o fato de ter sido indicado e recomendado por órgãos governamentais de educação mostra como a visão de Alexina sobre educação estava em consonância com o projeto oficial de reforma educacional. De certa forma, o livro acaba sendo encarado como caixa de ressonância daquele projeto oficial e de seus objetivos.

É também nessa recomendação de caráter oficial, que reproduzo a seguir, que fica evidente o objetivo do livro, o uso que se queria para a cultura popular e o público que ele pretendia atingir:

Minas Gerais

Órgão oficial dos poderes do Estado

Belo Horizonte

Quinta-feira, 21 de novembro de 1907

Conselho Superior de Instrução Pública

O Conselho Superior de Instrução Pública, tendo examinado os três trabalhos de D. Alexina de Magalhães Pinto, intitulados ‘Provérbios Populares’, ‘Plano de uma Biblioteca para os professores primários’ e ‘Tradução do programa da liga de instrução moral inglesa’, verificou que o primeiro é um repertório onde o professor pode encontrar matéria ou assuntos para as suas lições de moral, que o segundo tem a utilidade de informar ao professor dos compêndios que existem no mercado e que lhes podem, mais ou menos, servir de guia nas várias disciplinas do curso primário: e que o terceiro é uma publicação que prestará ao professor reais serviços, pois que lhe fornece metódica e sistematicamente os vários pontos do ensino de moral, higiene, urbanidade, etc, que devem ser tratados na escola durante os quatro anos de curso, resolve, portanto, aprová-los, recomendando a publicação do último deles para a distribuição dos professores do Estado.[1]

O Conselho Superior de Instrução Pública, tendo examinado os três trabalhos de D. Alexina de Magalhães Pinto, intitulados

Ainda que seus novos métodos pedagógicos, ligados à Escola Nova (e a tendência a valorizar o ensino através da experiência prática da criança e a condenação de métodos mnemônicos de ensino) na primeira década do século XX provavelmente não tivessem aprovação absoluta, diante da recomendação oficial destacada acima é possível perceber que aos poucos ganhavam legitimidade oficial.

O fato é que esse livro é feito de acordo com os novos programas de ensino implantados em Minas Gerais a partir de 1906. É a própria Alexina que declara que a divisão temática dos provérbios e a escolha “escrupulosa” deles estão de acordo com “os delineamentos gerais dos nossos programas primários de instrução moral”. Em linhas gerais, a divisão apresenta-se em “deveres do educando para com os superiores, para com os iguais, para consigo, em casa, na escola e na rua”. [2] É também um livro que apresenta uma destinação muito mais voltada aos professores do que para uso direto das crianças, isso porque em todas as observações e notas deixadas, o público alvo são os professores.

Alexina mantém a coerência em relação ao que ela considera mais importante na hora de educar: as crianças devem aprender através da observação, da experiência direta, dos bons

exemplos. Em nota preliminar ela diz que os provérbios, as “fórmulas” nada valem para o ensino da moral se não nos sentirmos “ligados a eles”. A boa transmissão dependia da “arte” de quem o fazia, da habilidade dos professores:

As fórmulas em si nada valem. Antes de bem sabermos quais os nossos deveres, necessário é nos sentirmos ligados a eles, a traídos por eles; a boa transmissão ou exteriorização de sentimentos é a arte ou depende da arte; de onde ser a arte valioso elemento de irradiação moral.[3]

Essa arte consistia na forma correta de utilização dos provérbios para alcançar a eficácia desejada que seria a educação “global” das crianças, ou seja, era preciso, nas palavras da Alexina “associar todas as energias do educando”. Dessa forma a educação “global” incluía a educação física, estética (higiene corporal), psicológica, industrial (na recomendação de trabalhos manuais com o objetivo de treinar e moldar as mãos para o trabalho) e moral, com a utilização dos provérbios populares, por exemplo. A máxima a ser atingida com esse tipo de educação parecia ser “mente sã em corpo são”: “(...) sempre, sempre, a atividade física e a psíquica caminhar como partes de um mesmo todo, completando-se, desenvolvendo-se, melhorando-se mutuamente”. [4]

Segundo Alexina, para atingir esses objetivos, a forma correta, a “arte” de usar os provérbios na educação moral consistia em não utilizar a memorização pura e simples dos mesmos considerando que com isso os alunos apreenderiam a lição de moral contida neles. Para a folclorista, definitivamente memorizar não era a melhor forma de educar. Tanto que ela se singularizou pela luta contra o b-a-bá e a cartilha soletrada, já que esse método de alfabetização fazia uso da memorização:

É coisa vulgaríssima, mesmo nalgumas das melhores das nossas escolas primárias leigas, colimar o mestre quase que exclusivamente o saber, em questões de instrução moral. Explicado ao aluno o que querem dizer as palavras do provérbio que semanalmente lhe depara a sorte: conseguindo o discente bem repeti-lo ante a classe, dão-se, em geral, por mui satisfeitos os nossos mestres de instrução, nas suas aulas primárias.

E será isso aparente ou real instrução moral?[5]

Assim como em outros de seus livros, Alexina trás extensas referências bibliográficas de países como EUA, França, Inglaterra e Alemanha. Nesses livros, que segundo a própria Alexina, serviram de base para a elaboração do seu livro “Provérbio populares”, os professores poderiam encontrar valiosos guias para a correta associação do ensino da moral com a disciplina escolar, a ginástica, os cânticos, a ornamentação ambiente, os jogos ao ar livre e os trabalhos manuais educativos.

Num congregar de esforços por parte dos professores, eles se familiarizariam a um plano “compreensivo de educação moral” que incluiria, os deveres do educando para com os superiores, para com os iguais, os inferiores, a natureza e para consigo mesmo. A mesma divisão que a norteou na organização do seu livro. Dessa forma, fazendo uso dos provérbios na educação moral, os professores estariam realizando um trabalho “digno de atenção e desde já exequível nas mais cultas das cidades brasileiras” [6]. Nesse caso parece ficar claro que eram as crianças dos grandes centros o principal alvo do trabalho, e seriam seus professores os melhores preparados para essa empreitada. Os grandes centros urbanos, antes do interior do país, ganham importância no discurso republicano, focos das campanhas educacionais e sanitaristas, e das reformas urbanísticas. [7]

Nas notas em apêndice, Alexina volta a indicar obras estrangeiras como auxiliares na formação dos professores, como a “Teacher`s Magazine” norte-americana e toda a literatura da Liga de Educação Moral inglesa, que poderia ser encarada como uma atitude “antropofágica” antes do tempo. Ela dizia: “Penso que devemos conhecer o que se faz no estrangeiro e o que é feito por estrangeiros, - não para repetir maquinalmente; mas para fazermos obra nacional ou latina com elementos nossos.” [8]

A obra nacional era tarefa dos civilizados. Seriam eles os responsáveis pela grande missão: dotar as classes trabalhadoras e posteriormente seus filhos de consciência cívica. Alexina critica aqueles que ficam somente na posição de intelectuais e meros imitadores, era preciso tomar consciência dos problemas nacionais e tomar parte de um plano de ação para solucioná-los, sendo a educação moral um dos meios para isso:

Considerando-se como nação e achando-nos inconscientes ante os problemas que premem as classes voltadas ao cotidiano e rude mourejar, indiferentes aos males que oprimem os seres que se defender não podem; inertes, carecedores de consciência cívica, de escrupulosos ante a fazenda pública...conclui ser imperioso dever assinalar tais lacunas a fim de que outros moralistas e educadores as preencham. E que preenchendo essas curem de tornar os seus benefícios efeitos extensivos aos programas dos cursos ginasiais e superiores! A continuarmos meros imitadores e intelectuais, que nos aguardará o futuro?[9]

Essa ausência de consciência cívica poderia ser sanada se as crianças tivessem acesso, segundo Alexina, a um dicionário de provérbios, que junto a outras obras dirigidas especificamente ao público infantil, constituiriam uma Biblioteca infantil, indispensável à formação cívica das crianças. Aliás, a esse respeito Alexina faz uma crítica ácida aos imortais, membros da Academia Brasileira de Letras que deveriam, segundo ela, tomar a iniciativa para a elaboração dessa lista:

Colaborando algumas vezes no Almanaque Garnier ocorreu-me pedir ao seu diretor dirigisse aos nossos “imortais” uma circular nestes termos: ‘Que livros daríeis aos vossos filhos entre sete e quatorze anos, para leitura subsidiária?’  
E mais que; obtidos os resultados, os publicasse no dito Almanaque.  
Foi isso em 1906.  
Teria a idéia medrado?  
Ignoro.  
A.de M.P.  
S.João d’El-Rey.Minas,1907.

Na edição consultada, Alexina deixa uma observação escrita bem depois, em 1915, que nos responde a pergunta deixada por ela: “Não tendo conseguido até o dia de hoje, por motivos independentes da minha boa vontade, publicar a presente coletânea com o respectivo esboço provisório de uma biblioteca infantil (...)”

Ela própria faz em nota, várias referências bibliográficas e tem o cuidado de recomendar que os pais e educadores “se dessem ao trabalho de percorrer estes livros antes de os entregarem aos seus filhos e educandos”. São indicações destinadas às crianças do curso primário, entre 7 e 11 anos em que constam livros de poesia, arte dramática, contos, entre outros.

Mas são nas indicações destinadas às meninas e às mães que estão as listas mais extensas. A julgar pelos títulos dos livros, era visível a ligação com os discursos higienistas da época e a importância de se manter o ambiente doméstico sempre muito limpo, além claro, de habilitar a mulher a exercer o papel que cabia a ela na sociedade de então: cuidar da casa e contribuir para a formação de homens de bem, como revela um dos títulos indicados. Sob esse ponto de vista, Alexina não parece ter subvertido os padrões vigentes, já que os títulos que indica para leitura feminina reforçam o papel de mãe e esposa. Portanto, à mulher estaria restrito apenas o âmbito privado da casa. Às mães ela indica os seguintes títulos, nesse formato:

- Alegria da casa
  - O Lar doméstico
  - Desinfecção-J.B.Lacerda
  - Cuidado das crianças-Kneip
  - Manual do Bom Tom
  - A educação das mães de família
  - Arte de formar homens de bem-Dr. Jaguaribe Filho
- Para as meninas:
- O livro das donas de casa, por Silvino
  - O confeitiro Popular
  - Nos livros de D.Maria Amália Vaz de Carvalho, Vera Cleser e nos de D.Júlia Lopes dedicados à economia doméstica.[10]

Na edição consultada, Alexina deixa uma observação escrita bem depois, em 1915, que nos responde a pergunta deixada por ela: “Não tendo conseguido até o dia de hoje, por motivos independentes da minha boa vontade, publicar a presente coletânea com o respectivo esboço provisório de uma biblioteca infantil (...)”[11]

Nas indicações bibliográficas destinadas aos professores, Alexina tem a preocupação de colocar material subsidiário à disposição do professor recomendando livros de Fábulas, História Antiga, Contos, Parábolas, Gravuras, História Bíblica e biografias diversas, a fim de que ele tivesse mais subsídios para transmitir as lições de moral através dos provérbios. O objetivo educativo mais abrangente é sempre repetido: a formação global da criança. A educação física porque era preciso moldar os corpos, ensinar a criança a mover-se, sentar-se. A educação intelectual, para ensinar a ler, escrever, contar histórias, calcular, desenhar, modelar, cantar, a tratar-se e a tratar os outros bem. Segundo Alexina, esse programa era perfeitamente possível em classe numerosa ou somente com um aluno desde que os professores soubessem bem dividir o tempo.

Nesse projeto os provérbios e suas lições de moral seriam de suma importância porque educariam as crianças de maneira prazerosa, sem a “hediondez do mal, sem o terror do que aos pequenos apavora, enerva e entristece”. A professora atribui muito valor aos provérbios. Eles seriam os responsáveis por despertar a percepção nos cérebros desses que “se pequeninos e pequeninas hoje, são os verdadeiros operários ou mães da pátria de amanhã. (...) Por uns e outros e por ela laboremos.”[12]

Portanto, a tarefa se apresenta evidente aos homens de gabinete, aos professores e intelectuais. Deles depende a formação daqueles que serão o futuro da Nação. Assim, é pelo futuro da Pátria que se trabalha. O meio para se fazer isso? Usar a cultura popular, os provérbios, chamados pela folclorista de “pedras soltas dos alicerces da moral leiga”. Como fazer dessas “pedras soltas” um edifício sólido? Esse papel cabia à escola: “(...) entendi trabalhar apenas com o fito de dispor todo esse material numa ordem provisória, ordem simples, clara, convinável às escolas (...) aos mais aptos, mais preparados, melhor aparelhados, a construção do edifício.”

A escolha e a divisão temática dos provérbios organizados pela autora, segundo os delineamentos gerais dos programas oficiais de instrução primária, revela o projeto de educação daquele momento e conseqüentemente que tipo de formação moral seria essencial para o futuro cidadão que levaria o Brasil à categoria de país “moderno” e “civilizado”. A divisão por si só é bastante reveladora, já que era nela que os professores baseariam suas aulas, ela definiria as temáticas trabalhadas em sala de aula.

Os provérbios estão classificados em sete Títulos de acordo com os programas de ensino primário. Cada título se subdivide em grupos nos quais se apresentam as qualidades morais a serem desenvolvidas nas crianças e os respectivos provérbios que seriam usados para esse fim. Trago como exemplo a divisão do primeiro título:

Título I-Deveres do educando para com os superiores:

Grupo I: veneração, amor e reconhecimento

Grupo II: obediência e respeito

Grupo III: confiança

Grupo IV: devotamento e gratidão

Grupo V: deferência e confiança

A folclorista se queixa que após a finalização do trabalho percebeu que dos deveres para com os inferiores, para com a natureza (meio físico ambiente) e para com a pátria “quase nada nos diziam os provérbios nossos”. Na tarefa de recolher mais provérbios, Alexina recorre aos professores aposentados, que em seu tempo livre poderiam dedicar-se ao recolhimento de provérbios através de suas indicações bibliográficas como “Pensamentos e máximas de O bom homem Ricardo” de Benjamin Franklin, ou os “Dez mandamentos” de Thomaz Jefferson em que os professores poderiam retirar todas as boas qualidades imagináveis e das quais somos carecedores como nação para que os profissionais em atividade pudessem usar em suas aulas.

Isso porque, ela não teria encontrado nos bons provérbios já usuais, já popularizados no Brasil certos valores importantes, especialmente, como já citei, valores ligados à Pátria, talvez por que a nação brasileira era mais imatura do que a norte-americana éramos o país do futuro, como uma criança, ainda tínhamos muito que aprender e o que fazer. A começar por realizar um melhoramento moral e físico do povo e construir uma tradição, ancorada pela verdadeira e definitiva cultura nacional.

Assim, os professores aposentados ainda seriam úteis a Pátria colaborando na formação das próximas gerações:

Organizando, experientes, uma lista de todas as boas qualidades imagináveis e das quais somos carecedores como nação poderiam ir buscar nas fontes supra provérbios que a essas tais apoiassem. Assim enobreceriam dias de forçada inércia, trabalhando por transmitir experiências preciosas aos que lhes são caros e também à Pátria, através das gerações que ora surgem.[13]

No Título V (Deveres para com os companheiros de brinquedo) os valores a serem desenvolvidos seriam: equidade, polidez, civilidade, generosidade e paciência. No Título II (Deveres do educando para com os irmãos) aparecem qualidades como firmeza na amizade, fidelidade, proteção e solidariedade.

No título VI (Deveres para com o próximo em geral) um dos valores a ser cultivado era a caridade e cultura filantrópica (exemplificado pelo provérbio “Faze o bem, sem olhar a quem”, entre outros) esse valor vem atrelado a uma preocupação com a infância brasileira especialmente com as crianças de famílias pobres que precisavam ser tuteladas pelo Estado, pelos médicos, professores, ou ainda por associações dedicadas a ajudar à infância, caso do Instituto Moncorvo Filho, do qual Alexina fez parte.

Inclusive era natural na educação das meninas o gosto pela filantropia sendo essa atividade bastante incentivada entre as senhoras abastadas, talvez um dos únicos espaços de atuação fora do ambiente doméstico.

No próximo título (Deveres do educando para consigo) aparece um conjunto de provérbios classificados dentro do grupo “Nutrição suficiente”, que guarda relação com a necessidade de dar as crianças uma conformação corporal saudável e, portanto, bela. Deveria ser uma preocupação das crianças alimentar-se bem e de forma saudável. Aqui apresento alguns exemplos desse grupo de provérbios:

- “O apetite é o melhor dos temperos”
- “O comer e o coçar o ponto está em começar”
- “Cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a doente”
- “Na casa em que falta o pão, todos gritam e ninguém tem razão”
- “Barriga vazia não tem alegria”

Há outro conjunto de provérbios classificados em “Trabalho”. Esse tema é importante para incutir nas crianças uma visão positiva do trabalho numa sociedade em que o passado escravista era tão recente. Como alcançar o progresso e a modernidade sem operários bem preparados e dedicados ao trabalho?

Alexina recolhe nesse grupo provérbios como esses:

- “Quem vive de esperança morre de fome”
- “Quem planta e cria tem alegria”
- “Barco parado não ganha frete”
- “Deus ajuda a quem trabalha”
- “O tédio e a preguiça curam-se com o trabalho”
- “A ociosidade é a mãe de todos os vícios”

No grupo “Deveres do educando para consigo” estava a preocupação em fazer a criança se manter sempre asseada, assim como sua casa. Esse discurso estava vinculado à questão de moldar os corpos infantis a um padrão estético que se considerava ideal. É importante destacar que essa preocupação se reflete também nos uniformes escolares que eram, não por acaso, da cor branca, pois, dessa forma qualquer sujeira seria facilmente notada obrigando as crianças a um padrão de comportamento e disciplina corporal que limitava certas atitudes comuns nas mesmas.

A folclorista então apresenta um grupo de provérbios ligados ao Asseio (“A limpeza Deus amou, mais amou quem a guardou”), ao Meio salubre (“Onde não entra o sol entra o médico”), ao Vestuário decente e apropriado (“Bem vestida, não há mulher feia nem bonita” ou ainda “Quem não se enfeita por si se enjeita”) a Temperança (“Onde entra o beber, sai o saber”) e claro, como não poderia deixar de ser, um grupo de provérbios em “Cuidado, atenção às influências do meio, às leis da hereditariedade”, ligados a um discurso carregado de determinismos, fossem eles geográficos ou biológicos, ainda muito presente na primeira década do XX. Mas talvez por considerar esse assunto por demais complexo, a professora tem o cuidado de recomendar que “esse grupo pode ser com vantagem deixado de parte até o segundo semestre do quarto ano primário”, apresento aqui alguns desses provérbios:

- “Tal pai, tal filho”
- “Filho de peixe é peixinho”

- “Mulher e cão de caça, procura pela raça”
- “De cobra não nasce passarinho”
- “Quem sai aos seus não degenera”

Em suas observações finais apresentadas sob o título “Linhas gerais de um plano de instrução e de educação moral” a professora considera de suma importância que todos os livros destinados à infância sigam “um programa simples e altamente compreensivo de instrução moral”. [14]

E novamente a folclorista diz ser importante nessa formação moral a habilidade daquele que transmite essas lições. Num tom otimista, ela considera a formação moral altamente transformadora, não só o indivíduo se beneficiaria dela, mas o social, o universal:

Entre todas as lições a serem transmitidas, a professora considerava as mais importantes aquelas ligadas à higiene: “(...) considerada em todas as suas faces, deveria ser insinuada como coisa digna de amor, vigilância e carinho, como guarda que é do mais valioso baluarte da independência-a saúde(...)”[15] , e à natureza: “(...) além do carinho, da contemplação, da observação, do zelo, do estudo e da interpretação, viriam quase todos os outros superiores, indiretamente, pois tudo recebemos dos que nos precederam no palco da vida (...)”. [16]

Para transmitirem perfeitamente essas mensagens e para corresponderem ao programa de ensino da moral, as aulas e os livros de leitura deveriam sempre estar divididos nos grupos apresentados pela Alexina, ou seja, eles precisavam ser baseados no programa de instrução do ensino primário. Quanto à ordem dos assuntos, de como os deveres seriam intercalados e abordados caberia ao mestre decidir seguindo suas convicções e seu gosto.

Podemos perceber como os provérbios aparecem nos trabalhos da folclorista claramente mediados pela educação, sendo que na visão da Alexina e folcloristas da época, como Silvio Romero, por exemplo, o conceito de cultura popular ainda era muito marcado pela noção de uma cultura presente no mundo rural, tradicional, pura, porque não mediada. Contraditoriamente, agora a cultura popular está presente nos grandes centros, em suas escolas, em livros didáticos, transformada por uma série de mediações.

Nessas circunstâncias, cria-se uma aporia, pois a noção romântica de “pureza” e “isolamento” da cultura popular/folclórica não se sustenta. Os mediadores estão dando um novo “uso” a essa cultura, centram sua análise no texto, no discurso, e eliminam os provérbios das circunstâncias particulares de tempo e de espaço em que eram ditos. Estão, de certa forma, contradizendo seu próprio discurso, muito centrado na “pureza” da cultura popular. Podemos perceber, através das intervenções, das mediações realizadas pela folclorista Alexina de Magalhães Pinto que a noção romântica de cultura popular que foi historicamente construída em fins do XIX pode mudar de significado dependendo do uso que se faz dela.

Se essas intervenções na cultura popular à primeira vista evidenciam uma tutela um tanto autoritária sobre essa cultura, por outro lado, nos faz pensar a respeito de uma crença sincera do intelectual que acredita que sua contribuição pode ser um meio real de regeneração da população brasileira, tanto no aspecto físico, moral quanto intelectual. O papel dos folcloristas nesse processo nos ajuda a refletir sobre a história cultural das idéias de um período fortemente marcado pela urgência em dotar o país de uma singularidade e identidade. No caso específico da Alexina, a aposta na educação como fator de mudança foi total.

### **Algumas considerações sobre cultura popular e a construção da brasilidade**

Ao percorrer a trajetória da folclorista mineira Alexina de Magalhães Pinto é possível perceber como ela, apesar de não estar entre os principais protagonistas, participa de algum modo do universo cultural e intelectual da “geração de 1870”. O seu caso específico está intimamente relacionado com as origens históricas do campo de estudos folclóricos no Brasil na segunda metade do XIX. Esse campo surge diretamente ligado às preocupações eruditas com a cultura popular e a sua constante associação com o tema da identidade nacional, tema central dessa “geração”. Há muitos estudos sobre esse período chamado de Belle Époque e sobre os “ideólogos do caráter nacional”, os “inventores do Brasil”, no dizer de Rodolfo Vilhena, ou seja, sobre a missão civilizadora que a elite intelectual atribuía para si naquele momento. Mas pouco se tem estudado o papel dos folcloristas nesse debate, talvez porque mesmo no final da década de 50 com a “Campanha de defesa do folclore brasileiro” e com a posterior criação de agências estatais dedicadas à preservação de nossa cultura popular, o folclore nunca conseguiu um espaço privilegiado no interior das universidades.

Mesmo no final da década de 1980 quando esteve em destaque a possibilidade de se escrever uma história da “cultura das pessoas comuns” e quando surgiram novas abordagens para o conceito de cultura popular visto de forma mais plural, sem a divisão estanque entre cultura popular e cultura erudita os estudos de folclore, ou sobre de que forma os folcloristas se posicionaram a respeito dessas questões foi muito pouco explorado.[17] Sendo assim, exceto Silvio Romero, Renato Almeida e Mário de Andrade[18], grande parte dos folcloristas que se envolveram no projeto de formação da identidade brasileira na *Belle Époque* tiveram papel importante nesse debate, mas foram esquecidos.

Deste modo, o resgate da obra de Alexina de Magalhães Pinto pode colaborar parcialmente para reconstruir de que forma os folcloristas se inseriram nessa discussão. A folclorista, por exemplo, fez questão de mostrar como usou métodos científicos em suas pesquisas de campo para garantir ao folclore um espaço entre as ciências sociais que se organizavam, como a história e a geografia, ao mesmo tempo em que mantinha a preocupação constante em salvar o elemento precioso que certamente desapareceria em contato com a civilização. Mas ao fazer isso, essa prática de preservação (e, portanto, de construção de uma memória) passava por uma escolha subjetiva da folclorista que contrariava o tão precioso caráter “científico” dos seus estudos. Além disso, na visão de Alexina era fundamental conciliar folclore, ou seja, fidelidade ao que via e ouvia, e pedagogia infantil. Dessa forma, ela estava sempre preocupada em suprimir certos aspectos da cultura popular que fossem prejudiciais à moral infantil.

Assim, depois de registrada, a cultura popular, vista como algo puro e o “tesouro” dos humildes, passa a sofrer uma série de intervenções para que pudesse figurar entre as tradições nacionais, seja na literatura ou na música. Portanto, na prática o discurso de pureza das tradições populares desmorona porque os próprios folcloristas interferiam na originalidade da tradição popular. Como na perspectiva do folclorista, o importante era buscar o que não muda – a tradição -, não estavam interessados, por exemplo, como essa cultura viria a interagir com a modernidade dos centros urbanos e suas novas formas de difusão da cultura popular e de diversão pagas ou não. Na medida em que procurava documentar uma cultura em desaparecimento, fechava-se a possibilidade de se pensar como as manifestações populares se transformam no interior de uma nova ordem social, ou como se cria um novo tipo de cultura junto às classes populares com o advento de uma outra cultura relativa à ordem urbana-industrial.

Mas Alexina transpõe essa cultura aos meios urbanos, com a publicação de seus livros. Com a intermediação do intelectual o material folclórico chega aos bancos escolares e as bibliotecas infantis. Dessa maneira abria mão da imparcialidade, da neutralidade do pesquisador que simplesmente recolhe as amostras de cultura popular, para a posição de intermediária cultural

Ao mesmo tempo em que os folcloristas foram vozes dissonantes ao “valorizar” essas manifestações num momento em que elas eram associadas à não-modernidade, ao atraso, ao interior, enfim, como um entrave à evolução, essa valorização precisa ser relativizada na medida em que estava atrelada a uma dupla confiança. A primeira delas é que se essa cultura representava a nossa singularidade enquanto país mestiço, eles apostavam também num futuro branqueamento e no melhoramento da “raça” através das campanhas de higiene e alfabetização. E a segunda é que em nenhum momento, eles prescindiram da necessidade da mediação do intelectual para atribuir valor estético e artístico a ela.

Alexina e os folcloristas estavam procurando nossa identidade entendida como aquilo, tomando emprestado o termo usado por Cacá Machado, que tem por núcleo a permanência do mesmo, aquilo que se reconhece por continuar igual, é o que demonstra a citação a seguir assinada por Guilherme Santos Neves:

Poesia folclórica é a que nasce e vive na voz do povo, povo, a que nele se cria e/ou se recria (...) Os acalantos, as cantigas de roda e suas trovas, as toadas de congos e caxambus, os cânticos de Reis e do Diurno, os pontos de Jongos, os desafios entre cantadores(...) tudo isso é autêntica poesia da gente-povo.

Não é poesia folclórica a letra de sambas e marchas, carnavalescas ou não, os versos convencionalmente matutos de Catulo da Paixão Cearense(...). Folclore não é o que o Rádio e a TV divulgam através das cantigas ou desafios de suas mistificadas duplas caipiras. A poesia popular, realmente popular, autenticamente popular tem a sua época, o seu local de vivência, os seus momentos propiciiais, seu objetivo pré-determinado. Tal poesia, é, assim, **caracteristicamente funcional**, viva e atuante.[19]

Estamos falando de uma reportagem de 1977 que ainda guarda permanências evidentes com os primeiros estudos sobre folclore. Talvez a incongruência do discurso dos folcloristas esteja nessa permanência que está na

raiz da diferença entre identidade e singularidade. A identidade nacional brasileira estaria numa cultura imóvel, parada no tempo, só esperando o momento de ser salva e incorporada “naturalmente” as tradições nacionais. Não conseguiram, ou não quiseram ver que poderiam ter analisado a cultura popular sob o aspecto da singularidade, aquilo que trás consigo uma “trama complexa de mediações entre as chamadas cultura erudita e popular, (...) que carrega consigo a definição de mutabilidade e a disposição (positiva ou negativa) para a transformação.”[20]

Os folcloristas tinham muita coisa em comum com outros intelectuais do seu tempo: tomaram a formação da nação como problema básico dos estudos da cultura. Situados cronológica e conceitualmente entre a descoberta da originalidade da cultura mestiça e a percepção do Brasil como país atrasado, os folcloristas persistiram na discussão da primeira questão, mas preocupavam-se ainda com os destinos das frágeis tradições nascentes. Esse discurso de construção nacional pode ser apreendido de diversas formas e em diferentes momentos históricos, aliás, a discussão sobre a cultura brasileira sempre foi entre nós, e continua sendo, uma forma de tomar consciência sobre nosso destino como nação. Dessa forma, o projeto em que estavam envolvidos os folcloristas, de construir uma cultura nacional e definir o sentimento de brasilidade, a procura pelo que nos faz singular através do estudo da cultura popular continua presente ainda hoje dentro e fora das universidades, seja através da poesia, da música ou do futebol.

Essa cultura, ao contrário do que os folcloristas puderam perceber, é algo vivo, que pode estar na *performance* única de um artista de rua da Praça, num jogo de futebol no domingo, na dupla sertaneja que toca no rádio, no maestro que rege uma escola de samba, no mestre de bateria que rege a orquestra. Ou seja, ela não está parada no tempo, se transforma a todo instante e pode estar nos meios urbanos mediada pelo rádio, televisão ou outros tipos de mídia, pode ser diversão paga ou gratuita e se comunica e se interpenetra com a chamada “cultura erudita”.

Ao analisar a maneira pela qual a folclorista mineira Alexina de Magalhães Pinto maneja a cultura popular, fazendo uso do folclore como material educativo, evidencia-se, para além da atitude inovadora da folclorista, como sua postura estava em consonância com uma missão civilizadora que a elite letrada atribuía para si. Missão de elaborar um projeto de identidade nacional que livraria o Brasil do estigma de nação híbrida e investiria o seu projeto de novos significados. É preciso levar em conta também que ao estudar o pensamento desses intelectuais produzido entre 1870 e 1920 é possível também retirá-los de certo obscurantismo que o movimento modernista os impôs, quando, na verdade, já estava em jogo em seus trabalhos, um esforço de modernização, tão decantado pela história oficial ao relatar a contribuição dos participantes do movimento modernista.

Esses intelectuais, incluindo os folcloristas, queriam iluminar o país por meio da ciência e da cultura. Esta geração ilustrada guardou uma crença absoluta no poder das idéias, a confiança total na ciência e a certeza de que a educação do corpo e intelectual do cidadão faria com o que o Brasil superasse seu atraso cultural e alcançasse assim a parcela mais avançada da humanidade. E Alexina fez parte desse processo, revelando-o e ajudando a criá-lo de maneira ativa.

#### NOTAS:

[1] PINTO, Alexina de Magalhães. *Provérbios populares, máximas e observações usuais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917, nota preliminar.

[2] Idem. p.14.

[3] Ibidem. Nota preliminar.

[4] PINTO, Alexina de Magalhães. *Provérbios populares, máximas e observações usuais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917, p.15.

[5] Idem. p.15.

[6] Ibidem, p.16.

[7] É importante salientar que houve uma descoberta dos sertões, ou seja, um sanitarismo rural que se seguiu ao sanitarismo urbano. A partir da publicação do Relatório Neiva-Pena (1912), o movimento sanitaria superou sua fase urbana, com a nova bandeira do saneamento dos sertões. Sobre o assunto ver: SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitaria na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985.

[8] PINTO, Alexina. *Provérbios, Máximas e observações usuais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917. p.16.

[9] Idem, p.15.

[10] Ibidem, p.159.

[11] PINTO, Alexina de. *Provérbios populares, máximas e observações usuais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917, p.159.

[12] Idem,p.19.

[13] PINTO, Alexina. *Provérbio populares, máximas e observações usuais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves,1917, p.137.

[14] Isto é, que o indivíduo pudesse ser educado em todos os meios que frequentasse, “no lar, nos folguedos, no trabalho, no repouso; na rua, na escola, etc”, e que em todos esses meios ele tivesse formação moral adequada para lidar com os superiores, com os iguais, consigo mesmo, com os inferiores e com a natureza.

[15] Idem,p.138.

[16] Ibidem,p.138.

[17] Essa postura atingiu várias correntes da historiografia contemporânea, como a francesa originária nos *Annales*, as novas abordagens sobre o conceito de cultura popular procuravam, de maneira geral, superar as noções românticas que concebiam esse tipo de cultura como um sistema autônomo, independente e coerente, que determinava a pureza e a originalidade da cultura de um povo ou nação. Alguns historiadores procuraram apresentar alternativas metodológicas, temáticas e interpretativas para as investigações nesse campo, como por exemplo, Michel Vovelle, que procurou evitar a relação “esterilizante” entre a cultura popular e cultura de elite, ou mesmo Michel de Certeau, que diz que a cultura popular, não é atemporal e pura, mas heterogênea, diversa, conflitiva e pode assumir diversos tipos de intercâmbio. Sobre essa discussão ver: VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Ed.Brasiliense, 1987; CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Ed.Vozes, 1994.

[18] É importante ressaltar que folclorista foi apenas uma entre tantas atividades as quais Mário de Andrade se dedicou. Foi também poeta, escritor, musicólogo (formado em Música pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo), professor, conferencista e exerceu vários cargos públicos ligados à cultura, como em 1935 quando é nomeado chefe da Divisão de Expansão Cultural e Diretor do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo.

[19] Reportagem de 19/08/1977 do jornal *A Gazeta* da cidade de Vitória no Espírito Santo assinada por Guilherme Santos Neves. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Espírito Santo e em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo. Foi professor da Universidade Federal do Espírito Santo e colaborador do jornal *A Gazeta*, onde assinou a coluna “Literatura e História”. Reportagem disponível no acervo digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular na sessão Hemeroteca.

[20] MACHADO, Cacá. *O enigma do homem célebre: ambição e vocação de Ernesto Nazareth*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2007.